

FENOMENOLOGIA DA CARNE E O FENÔMENO ERÓTICO: MICHEL HENRY E JEAN-LUC MARION

PHENOMENOLOGY OF FLESH AND THE EROTIC PHENOMENON: MICHEL HENRY AND JEAN-LUC MARION

JANESSA PAGNUSSAT**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, BRASIL

Resumo: O presente artigo tem por objetivo descrever a fenomenologia da carne e a relação erótica em Michel Henry relacionando-a com o fenômeno erótico em Jean-Luc Marion. Inicialmente, faremos uma exposição da concepção de corpo fenomenológico subjetivo através da carne patética na teoria henryana. A vida revela a carne ao mundo engendrando-a de tal maneira que ela é a própria vida, a afetividade, o *pathos*. Assim, o Si carnal é a condição e possibilidade para o contato com os objetos mundanos e para a relação intersubjetiva. Essa designação corresponderá a relação erótica da teoria de Henry em que as manifestações subjetivas do *pathos* são formas de desejo e de resposta aos afetos na medida em que toco o outro e ele corresponde ao meu apelo. Nesse sentido, a concepção de erotismo se dá pelo entrecruzamento entre duas carnes fenomenológicas patéticas. Posteriormente, vincularemos essa designação com o fenômeno erótico apresentado por Jean-Luc Marion que traz a individualidade como ponto de partida para a relação com o outro. Procuraremos trazer a interpretação de Marion da teoria henryana a partir de pressupostos da redução erótica, embora ele não mencione diretamente Henry em suas concepções do erotismo e do amor. Assim, pretende-se estabelecer um estudo a partir desses dois fenomenólogos através do que há em comum em suas teorias: o fenômeno erótico entendido como relação carnal do Si.

Palavras-chave: Vida. Corpo. Carne. *Pathos*. Erotismo.

Abstract: This article aims to describe the phenomenology of flesh and the erotic relationship in Michel Henry relating it to the erotic phenomenon in Jean-Luc Marion. Initially, we will make an exposition of the concept of subjective phenomenological body through pathetic flesh in the henryana theory. The life reveals the flesh to the world engendering it in such a way that it is life itself, affectivity, *pathos*. Thus, the carnal Si is the condition and possibility for contact with worldly objects and for the intersubjective relationship. This designation will correspond to the erotic relationship of Henry's theory in which the subjective manifestations of *pathos* are forms of desire and response to affections insofar as I touch the other and it corresponds to my appeal. In this sense, the concept of eroticism occurs through the intertwining between two pathetic phenomenological fleshes. Later, we will link this designation with the erotic phenomenon presented by Jean-Luc Marion that brings individuality as a starting point for the relationship

* Artigo recebido em 26/02/2021 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 15/04/2021.

** Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CAPES. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3717122113904588>. E-mail: janessapagnussat@hotmail.com.

with the other. We will try to bring Marion's interpretation of henryana theory from the assumptions of erotic reduction, although he does not directly mention Henry in his conceptions of eroticism and love. Thus, it is intended to establish a study from these two phenomenologists through what is common in their theories: the erotic phenomenon understood as the carnal relation of the Si.

Keywords: Life. Body. Meat. *Pathos*. Eroticism.

1. INTRODUÇÃO

A concepção de subjetividade na teoria de Michel Henry é muito ampla e seu estudo se origina através da inversão da fenomenologia histórica de Husserl. A fenomenologia imanente tão profunda desse filósofo francês é designada como Fenomenologia da Vida, Fenomenologia Material ou Fenomenologia da Carne. Cada qual possui uma vasta esfera de conceitos que precisam ser estudados em sua singularidade para a compreensão do que Henry procura descrever em sua teoria tão pura e originária. O grande avanço de Henry no estudo fenomenológico se justifica pela profundidade com que ele descreve o aparecer do ser antes mesmo de sua aparição na exterioridade do mundo. Além disso, concebe também o corpo humano como subjetivo e imanente pelo seu desvelamento em si mesmo.

Para falar da fenomenologia do corpo em Michel Henry é necessário retomar duas obras essenciais acerca desse tema, sejam elas, *Filosofia e Fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia Biraniana* e *Encarnação: uma filosofia da carne*. Neste estudo, nos deteremos a utilizar principalmente a segunda obra, já que ela descreve precisamente o que nos interessa aqui: a Fenomenologia da Carne. Por vezes, retomaremos a primeira obra citada por ser necessário alguns conceitos nela expostos, mas a *Encarnação* se utiliza de concepções direcionadas à relação erótica que se torna nosso objetivo nesse texto – descrever a subjetividade através da fenomenologia da carne que permite a relação com outros sujeitos e também uma relação erótica-amorosa.

Por isso, não é possível falar em Fenomenologia erótica sem falar do outro, ou seja, da relação intersubjetiva. O amor erótico é a relação entre duas carnes patéticas que se entrecruzam de maneira unívoca e subjetiva. A própria fenomenologia da carne já implica a relação com o fenômeno erótico, em que o próprio Henry menciona essa tese no desenvolvimento de sua teoria na obra *Encarnação*. Ele descreve a relação erótica a partir da carne patética. O *pathos* subjetivo que sente a si mesmo, na imanência do ser, também sente o outro em uma relação

sentimental, carnal, erótica e amorosa. Assim, cada corpo vive subjetivamente e a relação erótica é o entrecruzamento desses corpos numa intersubjetividade.

A partir disso, procuraremos fazer interlocuções com a obra *El fenómeno erótico* de Jean-Luc Marion. Assim, o objetivo nesse artigo é discutir a fenomenologia da carne desenvolvida pelo jovem Henry e procurar articular com o fenômeno erótico tratado por Marion. Apesar dele não relacionar suas hipóteses diretamente com a teoria henryana, há esse pressuposto ao descrever a redução erótica. Nesse sentido, não pretendemos chegar a nenhuma conclusão precisa, tampouco nem Henry deixou claro um desfecho para a relação erótica, mas trazer elementos importantes dessa concepção como pressuposto para a redução erótica trazida por Marion.

2. FENOMENOLOGIA DO CORPO E A CARNE PATÉTICA

Michel Henry adota uma fenomenologia originária ao designar a vida como manifestação pura e imanente em si mesma. Da mesma forma concebe o corpo humano como subjetivo e que se revela em sua imanência. Ele compreende que o corpo mundano “é inexplicável a partir do mundo e de seu aparecer” (HENRY, 2014, p. 164). Por isso, designa dois modos de aparecer do ser: o aparecer da vida e o aparecer no mundo. O aparecer do ser a si mesmo ocorre em uma estrutura fenomenológica puramente subjetiva, anterior ao próprio pensamento e a existência ontológica no mundo. A essência da manifestação do ser se revela em sua própria doação a si mesma, o que concebe a teoria henryana como radical e originária em relação a fenomenologia histórica husserliana. Nesse sentido, o ser se manifesta antes na vida e depois se exterioriza no mundo, sendo que esse poder de manifestação é o único modo de aparecer que dá origem a dualidade subjetiva-objetiva.

Nesse sentido, a vida é invisível e se manifesta no corpo pertencente ao ser como originário e imanente de modo que venha a ser visível no mundo. Assim, através do *Eu Posso (Je peux)*¹ a vida tem o poder de se manifestar no seu próprio corpo como subjetividade pura. Nesse sentido, se o corpo é subjetivo², sendo uma estrutura fenomenológica da autorrevelação da vida,

¹ “A partir da leitura da ontologia biraniana, Henry designa o corpo subjetivo como imanente por meio do *Eu posso* enquanto subjetividade concreta. O corpo possui movimentos subjetivos pertencentes ao ser ontológico dotado de poderes e capacidades subjetivas. Esse corpo que não é objeto, ele é a própria manifestação do ego cogito” (PAGNUSSAT, 2020, p. 105).

² Ainda na obra *Filosofia e Fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia Biraniana*, Henry se utiliza da teoria de Maine de Biran para descrever o corpo como subjetivo e imanente como manifestação do próprio ser.

de onde parte todo o poder originário para a exteriorização no mundo, então, ele é concebido como “*uma corporeidade originária invisível*” (HENRY, 2014, p. 176). Para tanto, na obra *Encarnação: uma filosofia da carne*, Henry descreve a fenomenologia da carne como a “estrutura fenomenológica que opõe o aparecer e o que aparece nele, é um só e mesmo aparecer que está em ação e cumpre seu poder de manifestação” (HENRY, 2014, p. 175). A vida que se manifesta no *pathos*³ e se experimenta a si mesma também se doa na carne como matéria fenomenológica designando a chamada Fenomenologia da Carne. Nesse sentido,

a vida revela a carne engendrando-a, como o que nasce nela, formando-se e edificando-se nela, extraindo sua substância, sua substância fenomenológica pura, da própria substância da vida. Uma carne impressional e afetiva, cuja impressionabilidade e afetividade não provêm jamais de outra coisa senão da impressionabilidade e da afetividade da própria vida. (HENRY, 2014, p. 178, grifos no original)

A carne é a matéria fenomenológica que a vinda a si mesmo, na Vida, se revela. Assim, cada subjetividade possui uma vida que se manifesta na carne, sendo a própria vida, uma carne fenomenológica. Portanto, “todo vivente tem uma carne, ou melhor, é carne” (HENRY, 2014, p.181). A designação da vida imanente que se manifesta na fenomenologia da carne se concebe em sua própria revelação. A carne é a condição e possibilidade para a revelação do Si, na medida que se identifica com ele. Assim, “Não há Si (não há eu, não há ego, não há ‘homem’) sem uma carne – mas não há carne que traga em si um Si” (HENRY, 2014, p.181-182). A carne só existe a partir de um Si, ela é fenomenológica, então, não há outra carne senão aquela que sente, que sofre, que revela o Si e a sua ipseidade⁴. Ela é onde o Si se revela na pura manifestação da vida, o lugar onde o Si age, deseja, sofre, pois ela é o próprio Si.

Henry designa que a vinda ao Si por meio da carne fenomenológica patética é um Nascer. Levando em consideração que Henry designa a carne como matéria do mundo e conteúdo da vida que se mostra no mundo, esse nascimento não se refere ao nascer mundano, mas ao experimentar-se a Si mesmo em sua própria carne como ser vivente. O nascer no mundo não é determinado pela impressionabilidade, pois o mundo é insensível, não há carne, portanto, não há nascer da vida. Nesse sentido, a carne se experimenta como conteúdo da vida, “a

³ Segundo Cunha (2018, p. 5), “*pathos* é a afetividade originária pura transcendental. A afetividade é a fórmula universal de toda a experiência possível em geral”.

⁴ Cada vida possui uma ipseidade da qual ela está engendrada e se revela nessa particularidade, sendo que “a vida vem numa carne, num corpo subjetivo, na materialidade fenomenológica do *pathos* e vem sempre como vida de alguém, experimentada afetivamente em um Si singular, numa carne singular, num Eu particular” (CUNHA, 2018, p.11).

possibilidade originária e transcendental de se experimentar pateticamente a si mesmo numa carne” (HENRY, 2014, p. 183).

Assim, a carne como matéria fenomenológica da vida é *pathos*, ela adquire significação pelo sofrimento enquanto realidade fenomenológica pura. A carne patética são os afetos e impressões da vida que se revelam na matéria fenomenológica carnal, “é a vida fenomenológica transcendental, a autorrevelação patética de que a carne tem seu *pathos*, sua realidade enquanto realidade fenomenológica pura, enquanto realidade patética” (HENRY, 2014, p. 193). Assim como a afetividade se revela no *pathos* da vida, a carne se engendra nessa realidade patética imanente e também se revela enquanto possibilidade transcendental da experiência do Si.

A relação do corpo subjetivo com a carne patética do Si é inseparável em sua subjetividade pura. Assim, há uma conexão entre o *Eu posso* e a afetividade na Autodoação da Vida. O poder é afetivo pela autodoação da vida, pelo *pathos*, pela carne patética que se exerce no mundo, em que “toda força é nela mesma patética, e é o que exprime no fundo, sem o saber, o conceito de pulsão” (HENRY, 2014, p.208). Assim, a possibilidade da pulsão carnal se dá no corpo orgânico⁵ que é a corporeidade originária. Os órgãos são regados por essa pulsão⁶ que os dá o movimento da vida, do aparecer no mundo em um sentido radical e original. Nesse sentido, a relação do corpo orgânico com a carne patética ocorre através do poder carnal que confirma a dualidade do aparecer em uma mesma unidade subjetiva.

É por isso que também a unidade de todos esses órgãos, a unidade de nosso corpo orgânico, não é uma unidade situada fora de nós: é a unidade dos poderes a que eles são submissos e cujos limites eles marcam a cada vez. Essa unidade de todos os poderes reside em sua autodoação patética. Ou seja, ela não é senão a de nossa carne (HENRY, 2014, p. 219).

Cada corpo é habitado por uma carne que é originária e se desvela em seus poderes e sensações experimentadas. Nesse sentido, a possibilidade de sentir-se tocado é a mesma possibilidade originária da necessidade de poder-tocar e sua efetivação na autoafecção patética da vida através da carne fenomenológica. Assim, “*Poder-tocar significa encontrar-se em posse de tal*

⁵ Henry designa o corpo orgânico a partir de Maine de Biran como um corpo inexplorado, anterior as sensações e ao mundo, é “*um corpo invisível a mesmo título que nossa corporeidade originária, cujo movimento vem se chocar contra ele, contra esse continuum que resiste continuamente a nosso esforço mesmo quando este, apoiando-se e, por assim dizer, ‘arcobotando-se’ sobre si mesmo, busca e encontra sua maior força*” (HENRY, 2014, p. 216). O corpo orgânico é o do *Eu Posso* pelo seu poder e possibilidade de automanifestação subjetiva. Além disso, “nosso corpo orgânico é o conjunto de nossos órgãos *assim entendidos*” possuindo esse poder imanente subjetivo (HENRY, 2014, p. 219).

⁶ “*Nossa ação é a de nossa corporeidade originária e seus poderes, é a pulsão que se move em si mesma e verga os ‘órgãos’ que cedem a seu poder*” (HENRY, 2014, p.220).

poder, ser previamente posto nele, coincidir com ele, identificar-se com ele e, desse modo e apenas desse modo, poder o que ele pode” (HENRY, 2014, p.201). Para exemplificar essa designação de poder-tocar e a possibilidade originária do ser, Henry cita o exemplo de Condillac de uma estátua que está em posição cheirando uma flor⁷: ao olharmos, vemos a estátua cheirando uma rosa, mas ela não saberá se se trata de uma rosa e, seu respectivo cheiro. Esse exemplo retrata a estátua que põe a mão em seu próprio corpo, designando a solidez e a ideia de impenetrabilidade ao tocar, portanto, a realidade do corpo exterior. Porém, a imagem da estátua é escolhida no exemplo henryano para representar a ausência de qualquer relação com a exterioridade, já que “a estátua não era senão uma figura da subjetividade pura. Mas eis que ela age. Seus movimentos se tornaram os de sua mão, de um órgão objetivo pondo-se sobre outros corpos objetivos exteriores, tocando-os e experimentando, nesse contato, uma série de sensações” (HENRY, 2014, p.205). A estátua é impulsionada a agir através dos movimentos subjetivos do seu corpo que se manifestam por meio dessa pulsão carnal.

Para tanto, é preciso considerar que Henry estabelece uma distinção entre o “tocado” originário e o “ser tocado”. Quando eu toco algo objetivo, a manifestação se dá em minha carne patética, como própria “propagação” originária de minha mão, é a sensação pura que se manifesta no *pathos* e que posso sentir a superfície como lisa, fria, etc. Ou seja, quando toco uma mesa objetiva, por exemplo, sinto se ela é lisa ou áspera, fria ou quente, sendo que as sensações se propagam em minha mão. Essas sensações cósicas “se estendem sobre a superfície espacial da coisa de que elas aparecem como determinações materiais. As sensações da mão recebem na mão uma espécie de ‘propagação’ em virtude da qual elas se dão como próprias da mão” (HENRY, 2014, p. 228). Porém, ao ser tocado pelo movimento do *Eu posso* de outra pessoa, meu corpo se faz e se torna “cósico”. Meu corpo próprio se torna estrangeiro ao outro, e se distingue de um corpo vivente. O mesmo se dá quando eu toco meu próprio corpo, como por exemplo, a mão esquerda que toca o braço direito. O tocante e o ser tocado adquirem as mesmas significações na medida que os poderes da minha carne são manifestados como resposta ao ser tocado. O mesmo ocorre na medida em que eu me toco, a carne que toca e é tocada é a mesma carne originária⁸.

⁷ Esse exemplo da estátua que está cheirando uma flor é trazido na obra *Tratado das Sensações* de Condillac: “se nós lhe apresentarmos uma rosa, ela será para nós uma estátua que cheira uma rosa; mas para si, ela não será senão o próprio odor dessa flor” (CONDILLAC, I, 1993, § 2, pg. 63).

⁸ “O que é tocado em mim por mim no limite de meu esforço enquanto corpo ‘cósico’ continuamente resistente não o é, portanto, senão no desdobramento dos poderes de minha carne. Assim como o ‘tocante’, o ‘tocado’, o fato de ser tocado não pertence senão a ela. Vemos então muito claramente que a possibilidade de ‘ser-tocado’ reproduz a de ser ‘tocante’ a ponto de lhe ser idêntica” (HENRY, 2014, p. 234).

A carne que toca também permite ser tocada e é nessa autoimpressionabilidade que é ela também impressionada, “quando a mão tocante se deixa tocar pela outra mão, se torna uma mão tocada, *ela guarda em si sua condição de carne originária*, essa autoimpressionabilidade que pode ser impressionada, ‘tocada’ pelo que quer que seja” (HENRY, 2014, p. 235). Assim, o corpo de outra pessoa não é somente uma ‘carne vazia’, mas é dotado de sentidos e afetos que me permitem percebê-lo. A significação de outra pessoa adquire significado da mesma forma quando me olho no espelho e vejo meu próprio corpo. Ali não há um corpo objetivo, mas uma carne patética que transmite o sofrer, o agir, o sorrir, o aparecer. A constituição dessas significações é resultante de uma carne vivente dotada de experiências e sentimentos subjetivos.

Portanto, a matéria fenomenológica passiva⁹ é a mesma que efetua a ação de tocar, que manifesta o poder subjetivo do movimento da mão. Assim também, a lembrança dos movimentos subjetivos do meu corpo fica no *pathos* da vida e permitem que eu os repita todos os dias sem pensar como devo executá-los, como comer, andar, correr, etc. A sua eficácia se dá pela manifestação subjetiva patética da vida. Nesse sentido, o que designa o Ego, o que vêm antes dele, é a Ipseidade unida ao *pathos* da Vida e a autoimpressionabilidade que vêm antes da carne. Portanto, a carne e o ego se correlacionam, sendo que essa carne fenomenológica patética é livre para manifestar seus poderes, os poderes do Si e da corporeidade originária. Assim, “nosso corpo mundano não remete somente a uma subjetividade invisível: sob suas espécies visíveis se oculta, sempre presente e sempre vivente, uma carne que não cessa de se autoimpressionar no *pathos* de sua noite” (HENRY, 2014, p.293). Através de minha carne fenomenológica que se revela a Vida em um corpo mundano. Através do *Eu posso* que tenho também o conhecimento de outrem dotado de uma carne vivente, cheia de sensações, emoções e sentimentos em seu *pathos* obscuro revelado só ao Si mesmo.

A carne patética que age em um corpo subjetivo originário corresponde a mesma ipseidade da vida que se revela na obscuridade de sua imanência. O outro também possui um corpo originário que se manifesta fenomenologicamente em sua pulsão carnal patética que o designa enquanto ser vivente. Nesse sentido, a fenomenologia da carne em Henry caracteriza a relação entre duas carnes fenomenológicas subjetivas na manifestação de seus poderes.

⁹ “Atividade e passividade são duas modalidades fenomenológicas diferentes e opostas, mas são duas modalidades de uma mesma carne; seu estatuto fenomenológico é o mesmo, o dessa carne precisamente” (HENRY, 2014, p. 235).

3. A RELAÇÃO ERÓTICA-AMOROSA EM MICHEL HENRY

Como podemos caracterizar o erotismo na teoria de Michel Henry? Esse questionamento surge a partir da própria indagação henryana: “o erotismo é o que nos dá acesso à vida do outro?” (HENRY, 2014, p. 304-305). A relação erótica em Michel Henry advém a partir da fenomenologia da carne e da relação intersubjetiva com outros seres através da afetividade. Assim, a relação erótica se caracteriza por uma relação carnal fenomenológica que se origina no *pathos* do ser, em sua essência, e que é despertado a partir do ato de tocar a carne do outro, desvendando o seu desejo carnal. Pelo exemplo da mão que toca a mão do outro, Henry inicia sua explanação do ato de tocar e do desejo de estabelecer uma relação carnal com o outro. Nessa relação, o que está em jogo é o despertar fenomenológico da carne patética que deseja ou que se afasta do desejo pelo afastamento da mão ao ser tocada. Se o desejo é correspondido, então o outro apertaria a mão que o tocou em forma de resposta.

A estratégia de tocar a mão do outro é uma forma de apelo, de sedução e de interpelação para que o outro olhe nos olhos e ocorra uma relação intersubjetiva, de maneira com que o outro mantenha o contato com a mão ou se afaste dela. O toque da mão é o toque afetivo com o outro que se dá na intencionalidade de um corpo que se move subjetivamente em busca de uma relação afetiva, de uma relação erótica, de um afeto, de uma carne que possa se manifestar subjetivamente em resposta ao toque afetivo de uma carne fenomenológica patética com outra. Nesse sentido, Starzynski (2016, p.174) afirma que “afin d’accomplir ce besoin, le sujet emploie une stratégie de séduction pour être reconnu, pour devenir aux yeux de l’autre sa valeur absolue”. A mão não toca um objeto, mas toca uma carne que sente, que sofre, que age, que responde, que interpela, que está aí no mundo e acima de tudo é uma carne de um ser vivente. Os olhos que vêem procuram uma vida afetiva no outro que possa se revelar a ele em sua pureza. Assim, as carnes que se tocam não remetem a um corpo visível e “côisico”, mas correspondem a duas vidas invisíveis que sentem e se manifestam em busca de uma resposta aos seus próprios afetos.

Henry recorre a Kierkegaard para descrever o conceito de angústia que coloca todo o poder do *pathos* afetivo em questão. Segundo ele “é essa possibilidade radical de poder que se revela brutalmente a nós na angústia, e tal é a intuição fulgurante de Kierkegaard: ‘a angustiante possibilidade de poder’” (HENRY, 2012, p.282). A carne inocente permite que a angústia a penetre e tome conta de sua inocência, assim como o pensamento é invadido determinando a

ação e sua representação a partir da angústia no aparecer do mundo. Essa inocência não necessita do pensamento, ela não se preocupa em ver ou ser vista, pois ela é inocente, assim como a carne patética é inocente. Nesse sentido, ninguém pode conhecer de fato a sua estrutura senão através do próprio *pathos*. Assim, “essa inocência absorvida em si, que nenhum olhar perturba é, por exemplo, a da carne – mais ainda: *é o que faz dela uma carne*. Toda carne é inocente” (HENRY, 2014, p.281). A relação entre o poder e a angústia justifica a carne fenomenológica inocente que é atraída ou que repulsa ao outro, em sua manifestação patética. Longe de qualquer olhar possível, a angústia se experimenta no *pathos* e se torna forte num jogo de atração e repulsão, e “a impossibilidade de se livrar de si se exaspera no momento em que a possibilidade de poder vem tropeçar, nela, no não poder mais antigo que ela e que a dá a ela mesma, nessa impotência de que, como se mostrou, ela é a fonte de potência” (HENRY, 2014, p.283). Assim, a potência e impotência carnal se tornam um jogo da angústia de atração e repulsão na própria carne fenomenológica patética. Nessa constante impossibilidade de escapar-se de si mesma, a angústia dá a si mesma a potência do ato, esse ato que dar-se-á o salto para o pecado¹⁰.

A angústia se revela no *pathos* da vida como um afeto que impulsiona ao desejo e a ação do ser vivente. Na medida em que angústia se relaciona com a afetividade, o desejo é a ação resultante dessa relação. Então, “*a relação ao termo da qual a angústia e desejo vão incorrer na falta, tornando esta efetiva, não é com efeito, senão um caso particular da relação absolutamente geral e essencial que liga, no princípio, Afetividade e Ação. Tal relação não é além de nossa própria carne*” (HENRY, 2014, p. 298). Assim, o poder dado no *pathos* se manifesta na carne pelo sofrimento e pelo desejo, dando-se ali e revelando-se nas ações, sendo que a afetividade é a Força que impulsiona para a manifestação da vida. A fenomenologia da carne se justifica por essa capacidade de poder: poder-tocar, poder-sentir, poder-poder. Nesse sentido, o conceito de angústia de Kierkegaard se torna importante na teoria henryana pela determinação do seu poder que impulsiona para a liberdade de agir e de despertar o desejo em outro vivente.

Do mesmo modo em que o corpo possui o poder de movimentar seus membros, também permite o contato com a carne vivente de outrem. O corpo objetivo mundano não é um corpo sensível, mas ele é determinado pela sensualidade primordial da vida originária e sua essência, “esse corpo objetivo que é o nosso nunca é um corpo sensível: é completamente determinado por *uma sensualidade primordial* cuja realidade e cuja essência verdadeira não são

¹⁰ A carne fenomenológica que se dá na angústia e no desejo como salto para o pecado é descrita por Michel Henry na Fenomenologia da Encarnação, sendo a última parte da obra *Encarnação*, mas que não será trabalhada detalhadamente neste texto. Utilizaremos apenas as concepções de angústia e desejo para a definição do conceito de relação erótica, sem levar em consideração a determinação para o pecado.

senão nossa carne originária, não são senão a vida” (HENRY, 2014, p. 294). Portanto, a partir do corpo objetivo sensual é possível ter acesso ao outro. A sensibilidade da vida se torna sensualidade na medida em que a carne fenomenológica e os corpos são sensuais entre si. Pelo desejo erótico, o acesso ao outro é dado de forma espontânea e o corpo tocado não é apenas um corpo cômico, mas um corpo sensual que se permite ser tocado e se tornar manifesto. A relação erótica com o outro possibilita a doação de sua própria liberdade a uma série de sensações despertadas na carne, em que “esse corpo é um corpo habitado por uma carne, por um ‘eu posso’ e por sua liberdade – *um corpo habitado pela angústia*” (HENRY, 2014, p.313). Assim, Henry reconhece que o desejo é uma modalidade da vida na relação erótica, tal qual a angústia.

Nesse sentido, Henry justifica a relação erótica entre duas pessoas a partir da relação sexual pelo ato fenomenológico carnal e patético. As carnes que se tocam desvendam o que conseqüentemente caracteriza o ato sexual do erotismo. Segundo Starzynski (2016, p.173), “Henry ajoutera encore dans ce contexte que dans la relation érotique consistant en deux subjectivités exerçant deux intentionnalités respectives c’est précisément cette intentionnalité qui y est décisive”. Portanto, da mesma forma como duas mãos se tocam, duas carnes também se tocam em uma relação intencional para desvendar os afetos entre as subjetividades. O ato sexual é uma resposta a essa intencionalidade decisiva entre duas carnes subjetivas. Assim, Henry descreve que a relação erótica é uma relação sexual que se dá no ato entre duas pessoas e que parte de sua essência imanente e fenomenológica: a vida que se autoafecta, sendo “ce que justement veut souligner son caractère primordial ontologique” (STARZYNSKI, 2016, p. 172). São duas vidas que se entrecruzam e se sensualizam em uma relação essencialmente fenomenológica e não mundana.

Henry procura descrever o erotismo não simplesmente como um ato sexual e carnal, mas principalmente afetivo – o que vêm a caracterizar a relação do ato sexual como relação erótica-amorosa. Para tanto, Henry não se refere diretamente ao conceito de amor, apesar de descrevê-lo brevemente, mas se mantém na designação da relação erótica entre dois amantes através da fenomenologia da carne. Para ele, o “*amor* – não se identifica absolutamente com um conteúdo desdobrado diante do olhar do pensamento e que não escapa, seguramente, aos protagonistas de uma aventura pré-programada” (HENRY, 2014, p.280). Assim, o amor sexual se caracteriza pelo entrecruzamento entre duas pessoas através de sentimentos e afetos que se revelam na carne fenomenológica, no *pathos* imanente da vida, na vida carnal imanente da subjetividade. Assim, se designa a definição da relação erótica henryana como “*uma relação dinâmica e patética que se cumpre num plano de imanência absoluta, e tem lugar na vida*” (HENRY, 2014,

p.304). Somente pela afetividade e imanência da vida, o erotismo pode ser manifestado na carne fenomenológica.

Cada vida se experimenta em sua própria pulsão e em sua imanência o desejo é manifestado ou fracassado. O ato sexual ocorre quando as duas pulsões se entrelaçam em movimentos de um contínuo resistente, ao que Henry conceitua como a “noite dos amantes”. Nessa relação erótica, “na noite dos amantes, o ato sexual acopla dois movimentos pulsionais que vêm esbarrar, cada um, no contínuo resistente de seu próprio corpo ‘côisico’ invisível” (HENRY, 2014, p.308-309). A concepção de noite remete a obscuridade, essa que se dá na invisibilidade da vida, ao qual Henry caracteriza na inversão fenomenológica, e que são os afetos doados no *pathos*. A pulsão de cada ser vivente é a força da vida, seu poder-poder dado no corpo subjetivo.

Assim, o corpo que se apresenta no mundo como “côisico” carrega em Si uma pulsão subjetiva da invisibilidade da vida. A afetividade se revela na obscuridade do *pathos*, mas esses “fenômenos do invisível são descritíveis” (HENRY, 2014, p. 308). Isso se torna visível pelos atos, palavras, suspiros e outras manifestações patéticas eróticas. Não é possível saber o que a outra pulsão experimenta para além da própria experiência, mas quando o erotismo suscita um processo de reconhecimento e bem-estar tem como resultado uma relação afetiva pura. Portanto, “na relação erótica, há dois Si transcendentais em comunicação um com o outro. Em razão da pertença de cada um à vida, da imanência desta em cada um, coloca-se a questão de saber se, em tal comunicação, cada Si atinge o outro *em sua própria vida*, se a toca *ali onde ela se toca a si mesma*” (HENRY, 2014, p.304). Nesta perspectiva, se apresenta o grande paradigma da relação erótica-amorosa descrita na obra henryana: a relação erótica só se torna amorosa na medida em que permite que o outro possa acessar a sua vida, e compartilhar seus afetos revelados no Si.

Sendo assim, a relação erótica despojada do *pathos* fenomenológico se torna meramente uma relação sexual objetiva, “corpo que não sente nada e não se sente a si mesmo, que não deseja nada, desprovido em si mesmo da capacidade de querer e de poder, da embriaguez e da angústia de uma liberdade” (HENRY, 2014, p.320). O erotismo designado somente pelo sexo não é afetivo, não ocorre entre duas carnes fenomenológicas patéticas, mas por dois corpos mundanos que não sentem e não desejam nada além do prazer momentâneo. Essa relação se distancia da vida, “esse sexo pelo qual a vida se exhibe a si mesma, afirmando, assim, que não é nada mais que ele” (HENRY, 2014, p. 320). Henry estabelece uma redução do prazer do ato sexual a um distanciamento da vida, a algo puramente objetivo e mundano, remetendo a um

esquecimento da vida e do Si, ou seja, a um distanciamento do amor na relação entre duas pessoas. O que é o prazer senão algo que se distancia do amor, da relação afetiva e da própria vida? O prazer é algo transcendente, o amor é algo em absoluto, o amor é a relação entre dois viventes, duas carnes patéticas.

A relação erótica reduzida somente a relação sexual desnudada da vida imanente se torna e se reduz apenas ao aparecer no mundo, relação mundana, “instituinto entre si uma nova relação já não ‘intersubjetiva’, mas ‘interobjetiva’” (HENRY, 2014, p. 322). Uma relação interobjetiva é destituída da relação afetiva patética e reduzida apenas a uma relação mundana entre dois corpos objetivos. O erotismo henryano que concebe o amor é uma relação intersubjetiva entre dois corpos subjetivos dotados de carne fenomenológica patética, sensível, imanente, que deseja, que age, que sente, que sofre, que é a própria vida que se desvela ao mundo. Por fim, nos deteremos a vincular a relação erótica em Michel Henry com o fenômeno erótico em Jean-Luc Marion.

4. O FENÔMENO ERÓTICO EM MARION E A RELAÇÃO COM A FENOMENOLOGIA HENRYANA

Jean-Luc Marion é um grande fenomenólogo que concebe a subjetividade para além do visível. A invisibilidade dos fenômenos está além do mundo visível, ela se encontra nas manifestações do que sentimos. Para tanto, a sensibilidade nos impacta e tende a entrar para o acontecimento da verdade, em que o fenômeno é concebido sem saber de onde ele advém. Fazendo referência à “noite dos amantes” da qual Henry descreve, Marion traz em sua obra *El fenómeno erótico*, o silêncio do amor e aponta que poucos filósofos descrevem a concepção de amor. Marion aborda a redução erótica a partir do corpo subjetivo em que o fenômeno erótico é estar diante daquilo que não tem controle sobre si mesmo. O corpo não pode ser objeto, já que não há um conceito que possa definir o corpo enquanto objeto, ele é um fenômeno que pode ser sentido pelo sujeito, sem que ele possa explicá-lo. Muito do que Henry descreveu acerca da relação erótica é trazido por Marion em suas meditações sobre o fenômeno erótico. Faremos referências a alguns aspectos na obra de Marion que se tornam importantes de serem abordados a partir do que descrevemos nesse texto sobre a teoria henryana.

Marion (2005, p. 8) aborda o fenômeno erótico a partir da concepção de silêncio do amor que ele considera que na medida que “la filosofía se calla y, en ese silencio, el amor

aparece”. Assim, ele abre a possibilidade para designar o amor como um fenômeno que está diretamente ligado a individualidade¹¹ e a ipseidade¹². O fenômeno erótico é algo invisível que possui a intencionalidade através do olhar que se encontra na fuga do visível. Essa intencionalidade do amor não é a mesma que se tem com relação a um objeto, já que cada ipseidade se individualiza na medida em que é intencionada. Portanto, são dois olhares invisíveis que se encontram em um entrecruzamento que resulta no próprio encontro amoroso, onde a intencionalidade é transgredida. Assim, “puesto que no experiencio esta alteridad en mi avance, debo hacerlo en el advenimiento sobre mí de un significado provocado no por mi intencionalidad sino por una contra-intencionalidad” (WALTON, 2006, p. 83).

Ainda na obra *Siendo dado*, Marion já estabelece uma designação ao outro, porém de uma forma um pouco distinta daquela trabalhada por Henry, trazendo a individualidade do outro. Quando eu alcanço essa individualidade, então eu tenho o amor da outra pessoa. Esse amor é o que ele chamará de fenômeno erótico, o fenômeno que se mostra ao outro, que quando interpelado, ele se mostra, ele é doado. Nesse sentido, diante de um encontro amoroso, não sou eu que me torno insubstituível, mas o outro, da mesma forma que eu recebo a minha individualidade insubstituível pelo outro¹³. Portanto, Marion (2005) descreve o erotismo como algo irreduzível que necessita de uma fenomenologia para descrever o amor a partir do ato de olhar que se rende a um outro olhar e que os dois se tornam insubstituíveis. Assim, cada relação erótica-amorosa se torna única e insubstituível. Deste modo, a relação amorosa implica a relação com o outro que permite a quebra da vacuidade com o mundo.

Nesse sentido, o amor descrito na teoria de Marion se justifica como fenômeno erótico porque cada individualidade é a carne que pode amar e se constituir enquanto tal. Cada ser se torna insubstituível na medida que se individualiza em si mesmo, em sua própria carne e em suas várias formas de afecções. Portanto, “cada acto de amor se inscribe em mí pra siempre y me moldea definitivamente. No amo por procuración, ni por interpósita persona, sino en carne viva y esa carne no deja de estar unida a mí” (MARION, 2005, p.16). A carne não é objetiva, mas possui a sensibilidade da experiência em si mesma ligada as afecções, pois ela se experimenta em si mesma, em sua própria invisibilidade. Assim, esse “fenômeno privilegiado da *carne* aparece

¹¹ Essa individualidade que só pode ser dada pelo amor corresponde a três formas na teoria de Marion: pelo desejo, pela eternidade e pela passividade.

¹² “El ser humano es allí donde lo expone su carne, adonde lo asigna la pregunta, ¿lo aman?. La echura de carne asigna la ipseidad” (MATTA, 2006, p. 130).

¹³ Segundo Fabri (2016, p. 125) “a questão de fundo desta fenomenologia não é outra senão a ipseidade, ou seja, o fenômeno erótico põe o problema daquilo que, em Levinas, se chama unicidade do eu, sua condição de insubstituível”.

em oposição aos corpos do mundo físico, na medida em que só ela sente-se sentindo” e a experiência do ser se fenomenaliza na carne invisível, no Si carnal (COUTINHO, 2013, p. 235). Cada individualidade designada como carne fenomenológica se aproxima da teoria henryana da carne patética na medida em que cada ser é insubstituível pelas suas próprias manifestações. Assim, a carne se prova a si mesma, em seu *pathos*, em suas afecções.

O amor é um acontecimento que me atinge e me assegura atingir a individualidade do outro, fazendo cada qual insubstituível em sua ipseidade. A carne¹⁴ é a condição e possibilidade para a ipseidade e para a relação amorosa. Através da passividade, a relação erótica acontece na entrega e abertura para o outro, em que “la pregunta ‘¿me aman?’ señala el punto en que me descubro afectado en cuanto tal, en tanto que un yo insustituible” (MARION, 2005, p. 50). Através da interpelação da pergunta sobre o amor, o ser se descobre afectado e se individualiza. Assim, o outro só se tornará outro na medida que se torna insubstituível. Então, não só eu me torno insubstituível, mas o outro também se torna pela redução erótica do amor.

Para Marion, a individualidade é o ponto de partida para o encontro com o outro, em que corresponderia a uma necessidade subjetiva de ser amado, remetendo a pergunta “Você me ama?” (*m’aime-t-on ?*). A resposta a uma interpelação do outro designa o apelo para o amor. A partir disso, Marion traz o amor como o fenômeno erótico, enquanto Henry traz a necessidade do ato sexual para a relação erótica que se sente no ego imanente subjetivo. Nesse sentido, Marion procura trazer “la logique du phénomène érotique signifi erait donc ici une histoire vécue par la subjectivité amoureuse marquée par ses moments essentiels” (STARZYNSKI, 2016, p.180). O amor como fenômeno erótico é o reconhecimento efetivo do outro enquanto princípio de doação incondicional e saída do Si. Ele traz o surgimento do novo na relação entre duas subjetividades como fonte de abertura ao mundo e não como retorno a Si.

Tanto Marion como Henry trazem a relação amorosa a partir da concepção carnal entre duas pessoas, porém para Henry o caminho pelo qual ele percorre para chegar a essa designação é muito mais longo do que a teoria de Marion. Esta última já traz inicialmente a concepção de amor como processo da redução erótica, enquanto a teoria henryana parte de uma relação erótica e sexual a partir do entrecruzamento das carnes fenomenológicas afetivas para chegar a concepção de amor. Conforme a afirmação de Starzynski (2016, p.180), “chez Jean-Luc Marion, même si le phénomène en question culmine aussi dans la structure du croisement des chairs, la

¹⁴ Na teoria de Marion, “le processus de l’érotisation de la chair ne s’accomplit pourtant pas par un envahissement sensuel de tout le corps mais d’une manière assez étonnante par l’apparition du visage d’autrui, le visage parfaitement individualisé qui brille de sa gloire en concentrant en soi toute la chair” (STARZYNSKI, 2016, p.180).

voie menant à cette situation primaire pour Henry est beaucoup plus longue”. Assim, o ponto de partida dos autores apresenta algumas distinções, apesar de tanto uma como a outra designarem uma relação carnal e o ponto de chegada das teorias eróticas serem as mesmas. Portanto, a aproximação teórica entre ambos os filósofos ocorre também pela relação do toque na carne que dá a reação do tocar e sentir, na dimensão da carne fenomenológica que sente, que sofre e que age. O agir subjetivo é resultante da fusão afetiva entre dois viventes que possuem uma relação carnal dada no mundo da vida, na intersubjetividade e não na objetividade mundana.

Porém, como ter certeza se o vivente no qual nos relacionamos está manifestando a afetividade em sua carne patética, ou não se trata de uma relação apenas mundana, distante da vida imanente? Por que há tantas relações amorosas contemporâneas interobjetivas? A vida se revela em si mesma, em sua própria manifestação, mas quando há um distanciamento da vida o sujeito passa a viver uma relação interobjetiva em que o outro é tido como um objeto carnal, o que o levará para o pecado, tal como Henry desenvolve na fenomenologia da En-carnação, posterior a Fenomenologia da Carne. Ele faz um apelo para os amantes viverem o erotismo e o amor no silêncio da noite obscura da vida. Essa obscuridade se refere ao *pathos* subjetivo que jamais poderá ser conhecido no mundo ou por outrem, mas ele é sentido na afetividade pura e originária que se dá a si mesmo. A noite dos amantes traz a concepção de que o amor é dado nessa obscuridade e que em seu silêncio exclui todo o barulho mundano, restando somente os amantes que se sentem um ao outro na carne patética. Nesse sentido, a interpelação do outro também se torna importante, já que “Marion observa que nunca hubiera podido preguntarme “¿se me ama de otra-parte?” si otro no me hubiese amado en primer lugar” (WALTON, 2006, p. 92).

Uma reflexão acerca da relação erótica carece de resultados efetivos na medida em que é preciso verificar a carne fenomenológica em si mesma e se ela é uma pulsão de desejo que se revela imanente, pois “nenhuma carne pode ser examinada em si mesma à maneira de um dado autônomo, objeto de um processo de elucidação separado, se é verdade que ela não advém a si senão na vida” (HENRY, 2014, p. 325). Assim como a vida não pode ser conhecida no mundo, a carne enquanto fenômeno que se manifesta na exterioridade de sua imanência também não pode ser conhecida totalmente pelo outro na medida que seu *pathos* é algo obscuro, revelado na obscuridade da vida, ou seja, na noite obscura ontológica.

Percebe-se, assim, que para ambos os filósofos, o erotismo desempenha um papel intersubjetivo nas relações amorosas. Nesse sentido, defende-se a tese de que não se trata de

uma relação interobjetiva, resumida apenas na aproximação de dois corpos que se desejam sexualmente, mas em uma aproximação fenomenológica carnal baseada em afetos, desejos, amor, sentimentos e emoções advindos do *pathos* da vida. Somente a partir disso, se constrói uma relação amorosa pura e verdadeira. O fenômeno erótico se desenvolve como consequência da manifestação fenomenológica da vida dada através da carne que vêm ao mundo e se manifesta na exterioridade do ego. O esquecimento da vida ocorre quando a relação entre dois amantes se dá apenas no mundo exterior, reduzindo-se apenas ao ato sexual, e não no mundo da vida de onde se revelam os afetos puros originários de cada sujeito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de relação erótica em Michel Henry é descrita a partir da Fenomenologia da Carne. Podemos compreender ao longo do texto a carne patética que engendra a vida em si mesma, sendo sua própria manifestação. A importância de se entender esse conceito da carne fenomenológica permite estabelecer a relação intersubjetiva entre dois amantes onde os afetos revelados no *pathos* se entrecruzam através da carne e a invisibilidade da vida se revela nessa relação intersubjetiva.

O corpo que se anuncia ao mundo é a carne que revela a subjetividade fenomenológica originária e pura. É o *pathos* que se torna visível a partir da invisibilidade da vida. Da mesma forma como duas mãos podem se tocar, duas carnes podem manifestar entre si o desejo de tocar e serem tocadas. Assim, as duas carnes fenomenológicas patéticas que se manifestam em seu poder de sentir, desejar, tocar, agir e tornar-se visível ao outro justificam a relação erótica henryana.

Porém, o amor a partir da teoria de Henry apresenta limites e falhas relacionados a concepção de relação erótica e do ato sexual. Sua teoria carece de uma própria conclusão para a relação erótica, já que ele a designa na fenomenologia da carne e posteriormente a concebe na fenomenologia da En-carnação através da designação do pecado e da relação com Deus. A relação religiosa de Henry acerca do erotismo traz uma aproximação do amor como algo divino e sagrado em que o amor excede o ato da relação sexual, mas também aponta para o salto ao pecado quando as relações eróticas são apenas interobjetivas pelo distanciamento da vida, não sendo mais intersubjetivas.

Marion ao descrever o fenômeno erótico parte da individualidade para designar cada carne que se manifesta na interpelação ao outro. A necessidade de resposta ao apelo do outro justifica o reconhecimento do amor. A individualidade se aproxima da teoria henryana da fenomenologia da carne e da relação erótica-amorosa, embora Marion não traga essas concepções vinculadas diretamente com Henry. O caminho fenomenológico que ambos os filósofos percorrem para chegar a designação do erotismo apresenta aproximações e distanciamentos em alguns aspectos. Procuramos trazer alguns destes ao longo do texto, mas com o objetivo de afirmar que a fenomenologia da carne e o fenômeno erótico são dois pressupostos inseparáveis que ocorrem através da relação intersubjetiva entre dois amantes que manifestam seus poderes e seus afetos existentes no *pathos* da vida. Portanto, uma relação erótica-amorosa somente pode ser verdadeira na aproximação da invisibilidade da vida e na manifestação da afetividade, dos desejos, dos sentimentos, das emoções puras e originárias que advém do *pathos* revelados na carne fenomenológica.

REFERÊNCIAS

- CONDILLAC: E. B. (1754). *Tratado das sensações*. Tradução de Denise Bottmann, Campinas: Ed. Unicamp, 1993.
- COUTINHO, Carolina D. M. V. Gozo e carne: Uma Abordagem da Fenomenologia Francesa Contemporânea. *Psicanálise & Barroco em revista*, v. 11, n. 1, jul. 2013, p. 232-247.
- CUNHA, Ana Cristina Reis. Do corpo à carne em Michel Henry. *Synesis*, v. 10, n. 1, jan/jul. 2018, p. 1-16.
- FABRI, Marcelo. Sobre a ipseidade: Marion leitor de Levinas. *Educação e Filosofia*, v. 30, n. Especial, 2016, p. 115-131.
- HENRY, Michel. *L'essence de la manifestation*. Paris: Épipiméthée, PUF, 2011.
- HENRY, Michel. *Filosofia e Fenomenologia do corpo*: ensaio sobre a ontologia Biraniana. São Paulo: É realizações, 2012.
- HENRY, Michel. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2014.
- HUSSERL, Edmund. *Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia*. Tradução Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.
- MATTA, Sergio Bernales. *El fenómeno-erótico amoroso: Un estudio preliminar acerca de la problemática de la proximidad*. Tese (Mestre em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Humanidades, Universidade de Chile. 2006.
- MARION, Jean-Luc. *El fenómeno erótico: Seis meditaciones*. Trad. Silvio Mattoni. Buenos Aires: El cuenco de plata y Ediciones literales, 2005.
- MARION, Jean-Luc. *Siendo dado*: Ensayo para una fenomenología de la donación. Trad. Javier Bassas Vila. Madrid: Editorial Síntesis, 2008.
- PAGNUSSAT, Janessa. Fenomenologia do corpo subjetivo em Michel Henry: pressupostos a partir da ontologia biraniana. *Synesis*, v. 12, n. 1, jul. 2020, p. 96-109. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1987>.
- STARZYNSKI, Wojciech. L'amour érotique comme paradigme de l'expérience d'autrui : Michel Henry et Jean-Luc Marion. *Educação e Filosofia*, v. 30, n. Especial, 2016, p. 169-185.
- WALTON, Roberto J. Subjetividad y donación en Jean-Luc Marion. *Tópicos Revista de Filosofía de Santa Fe*, n. 14, 2006, p. 81-96.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



PAGNUSSAT, Janessa. FENOMENOLOGIA DA CARNE E O FENÔMENO ERÓTICO: MICHEL HENRY E JEAN-LUC MARION. *Synesis*, v. 13, n. 1, p. 120-138, abr. 2021. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2047>.
